

**O EDUCADOR UNIVERSITÁRIO DIANTE DA
BARBÁRIE, RUMO À AUTONOMIA
“REFLEXÕES A PARTIR DE THEODOR ADORNO
E PAULO FREIRE”**

10/2011

Formação de Educadores

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

BASTOS, Marcelo de Andrade
m1bastos@hotmail.com

RESUMO

O mundo globalizado e altamente competitivo em que vivemos requer profissionais mais capacitados. A educação superior, preocupada com esta demanda e com a formação cultural de seus alunos, observa a urgente necessidade de compreender a transição sócio-histórica da sociedade e suas potencialidades de intervenção. Este artigo discute inicialmente a educação brasileira no que diz respeito à figura do educador e da universidade. Posteriormente refletirá sobre alguns acontecimentos do mundo presente, apresentando um panorama das práticas e dos desafios enfrentados pela sociedade, procurando-se definir o conceito de barbárie, suas origens, seus significados, suas causas e conseqüências. Por fim, reflete-se a respeito do papel do educador universitário diante da barbárie, rumo à autonomia, com base em algumas teorias do filósofo alemão Theodor Adorno e do educador brasileiro Paulo Freire, apresentando os problemas éticos inerentes às práticas educativas e apontando pistas para as soluções a serem encontradas por meio da educação, propondo reflexões quanto à formação de docentes para o ensino superior no Brasil.

Palavras-Chave: Educação, Educador, Ensino Superior, Barbárie, Autonomia.

INTRODUÇÃO

O mundo de hoje, imerso numa complexa transição sócio-histórica, vê-se obrigado a compreender o significado e as potencialidades da educação. E especialmente na Educação Superior é cada vez mais urgente o conhecimento dos problemas do mundo moderno. A educação precisa formar indivíduos autônomos, reflexivos e devidamente habilitados para a tomada de decisões. A preocupação com minha formação acadêmica e capacitação para o exercício da profissão de docente, nas quais se inclui o interesse pelas questões ético-filosóficas inerentes às práticas educativas e formação da sociedade, despertaram o desejo de escrever este artigo.

Este trabalho procura refletir sobre a influência de educar para a leitura do mundo e sobre os dilemas e desafios que o educador universitário precisa enfrentar nas perspectivas de superação da barbárie e construção da autonomia, privilegiando questões ético-filosóficas e educacionais, trazendo como principais contribuições as considerações do filósofo, psicólogo e sociólogo alemão Theodor Adorno e do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. Adorno, o pensador que viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial, foi crítico ferrenho da postura política adotada pelo governo alemão na época. Ele afirma que a educação é uma semente de transformação social e, só através dela, pode-se “desbarbarizar” o ser humano. Ela é a única chance de emancipar o homem. Para dialogar com Theodor Adorno no sentido de aproximar suas teorias da realidade brasileira, escolhemos o autor e educador Paulo Freire, destacado por seu trabalho na área de educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência.

Com o tema “O educador universitário diante da barbárie, rumo à autonomia – reflexões a partir de Theodor Adorno e Paulo Freire”, este artigo pretende refletir sobre os problemas éticos inerentes às práticas educativas e apontar pistas para as soluções a serem encontradas por meio da educação, propondo reflexões no que diz respeito à formação de docentes para o ensino superior no Brasil, frente ao mundo em que vivemos hoje.

OBJETIVOS

Esse artigo é o início da pesquisa do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação – Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo iniciado em agosto de 2011 e pretende refletir sobre as seguintes questões:

O que é barbárie e quais as suas causas determinantes? Educar o cidadão pode tornar a sociedade livre da barbárie?

Por que a formação cultural e científica hoje não emancipa o indivíduo?

Por que a recuperação da experiência formativa é tão importante para o crescimento da sociedade?

Será que os professores universitários têm clareza do seu papel e seu efetivo compromisso com os estudantes ou aqueles que buscam o ensino superior?

O sujeito desta pesquisa é o educador universitário diante da barbárie, rumo à autonomia, no que diz respeito a sua atuação em sala de aula e na participação no processo ensino-aprendizagem. O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é o estudo desse sujeito e suas reflexões a partir de teorias de Theodor Adorno e Paulo Freire, refletindo sobre a influência de educar para a leitura do mundo e sobre os dilemas e desafios que o educador universitário precisa enfrentar nas perspectivas de superação da barbárie e construção da autonomia.

METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, para o desenvolvimento deste estudo pretende-se realizar um levantamento bibliográfico que considere os sentidos éticos da educação e o papel do educador universitário. As fontes de pesquisa serão livros, revistas e artigos científicos que permitam estabelecer um diálogo entre Theodor Adorno e Paulo Freire.

DESENVOLVIMENTO

O papel do educador hoje vai muito além de simplesmente colaborar no processo de construção do conhecimento do ser humano. Ele precisa formar o indivíduo, torná-lo interessado pelo mundo e em sua preparação para a vida. Precisa condicioná-lo a procurar e descobrir.

Segundo Freire,

É nesse sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. (1996, p. 15).

Conforme Bodgan Suchodolski (apud ADORNO, 1995, p. 148), educação é a “preparação para a superação permanente da alienação”. Alienação tem que ver com limitação, superada com um processo educativo que privilegie a abertura de possibilidades. Essa abertura pode ser feita durante o período de aprendizado na escola, com aulas que despertem o interesse pelos problemas da vida e suas soluções. A vontade de aprender deve ser uma prática do docente e um exemplo para seus alunos.

Conforme Freire,

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de tomar distância do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (1996, p. 95).

O que se busca então é estimular a vontade de aprender, o interesse e a curiosidade. O educador moderno não pode ser alguém passivo, alheio aos acontecimentos da sociedade. Professor não é uma máquina, um objeto. Ele deve ser alguém que educa, forma, habilita. É alguém que ensina a criticar, a formar opinião. Pode ser a pessoa que facilita a troca de experiências, faz o aluno pensar, refletir.

Hoje vivemos num mundo paradoxal. Parece que à medida que a tecnologia avança a passos largos, os desafios impostos à sociedade, à escola e à própria docência também aumentam. Intuitivamente poderíamos pensar o contrário: à medida que avançamos deveríamos ter mais facilidades e menos dificuldades. Mas como se observa, a fome, as doenças, a desigualdade social, a falta de uma educação adequada e

outros problemas existentes em nossa sociedade ainda não chegaram perto de serem eliminados. No Brasil, país em desenvolvimento, educação é um dos maiores problemas enfrentados. Penso que uma educação emancipadora seria uma das possibilidades para crescer e melhorar a vida das pessoas. Educar para não mais ser oprimido, perseguido, privado, ridicularizado, exterminado.

Para Adorno,

[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar mais ainda o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (1995, p. 155).

Assim, para se alcançar o objetivo de uma educação sólida e eficaz, seria preciso a mudança em algumas práticas educacionais. Essas mudanças indicariam muito mais a preocupação do nós, ou seja, comunitário, do que a preocupação com o eu. O individualismo tem fechado muitas portas e diminuído o horizonte das pessoas. E isso é barbárie na sua essência mais cristalina! Como docentes devemos ser éticos e coerentes, buscando o aprimoramento do homem através da educação e uma melhor qualidade de vida.

Os desafios do professor universitário são cada vez maiores. Não basta apenas fazer apontamentos e ensinar determinados conteúdos em sala de aula. É necessário problematizar, analisar, discutir o que se passa no mundo. Envolver a teoria e a prática, numa práxis. Muitos professores se esquecem que pesam sobre eles grande responsabilidade na formação do intelecto da sociedade e de um mundo melhor. Se abster de formar o cidadão autônomo e crítico seria como se o professor não estivesse presente, alheio ao compromisso de educar.

O professor de nível superior deve estar preocupado com as necessidades da sociedade. Deve ser uma pessoa informada e curiosa. Deve criar dentro de si uma cultura de curiosidade, sempre questionando o porque das coisas, procurando entender os mecanismos, sendo crítico e aberto a mudanças. Ele precisa criar o hábito de fazer com que o aluno produza, que leia, que escreva, que indague, que crie.

Ainda conforme Freire,

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimentos, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível, portanto, que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso, por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (1996, p. 140).

A cultura capitalista acaba por escravizar a pessoa e não por formá-la livre plenamente. É a maneira eficaz e selvagem de domesticá-la e fazê-la praticar o consumismo, comprando e não pensando. Daí a urgência de formar o cidadão de maneira diferente. Formá-lo emancipado, livre para pensar, criticar, se melhor, mais humano. Formá-lo emancipado para crescer e nunca mais barbarizar.

CONCLUSÕES

O trabalho de pesquisa se encontra em sua fase inicial, havendo cumprimento dos créditos obrigatórios no curso de mestrado, levantamento da bibliografia, leitura e resenha da bibliografia e, estabelecimento da fundamentação teórica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. MAAR, Wolfgang Leo. **Educação e Emancipação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.